

CAMPISMO

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA TODOS

É já um lugar comum afirmar-se a intoxicação da vida cidadina. São as ruas movimentadas a todo o momento, espalhando poeiras microbianas, as chaminés das fábricas lançando ininterruptamente, desde manhã à noite, gases deletérios, o contágio infeccioso facilitado pela acumulação dos grandes aglomerados. Isto para todos nós. E a acrescentar a isto para muitos, para a maioria, para a grande maioria dos habitantes da cidade—aqueles que pelo seu trabalho extenuante e subalimentação de mais cuidados se deveriam rodear—temos as péssimas condições de alojamento. São cubículos—quartos ou casas—sem ar, sem luz, sem limpeza—por miséria material e mental. Esta, consequência, em grande parte, daquela. Coroando este todo a que podemos chamar os prejuízos físicos da vida cidadina, há os prejuízos espirituais. E estes—ainda que o grande público nem sequer deles se aperceba—são os primaciais e superando os outros de muito. E a vida trepidante, agitada, plena de emoções violentas—alegres ou tristes, quanto ao seu prejuízo valem o mesmo—inquietante sobre o dia de amanhã. São os excessos de toda a ordem e em primeiro lugar os sexuais—consequência fatal duma vida genésica desregrada e do ambiente afrosiaco das ruas e dos passeios «elegantes».

Talvez muitos se não tivessem apercebido deste quadro. Mas todos nós, interrogando-nos sinceramente, conscientemente, somos levados à conclusão que a nossa vida se integra nele.

O que acabo de expor não é ficção e muito menos—porque o não saberia fazer—literatura. Se a grande maioria não compreende o quadro em toda a sua extensão, é porque, acostumada somente às grandes emoções, aos contrastes impressionantes, não é capaz de discernir as pequenas nuances do aniquilamento, do desequilíbrio do seu ser físico e psíquico. E depois por um atavismo, pela lei do menor esforço—menor esforço imediato, notem bem!—cada um esconde a sua inércia, o seu auto-aniquilamento na inércia, no aniquilamento da multidão ambiente.

Mas as resistências orgânicas vão diminuindo. O sistema nervoso salvaguarda última delas, pelos traumatismos constantes da vida trepidante, deixa-se também flectir. E põe a porta aberta a todas

as afecções. O aumento avassalador, nêstes últimos anos, das doenças nervosas, dos desequilíbrios mentais—as mais graves de todas elas—é a prova disto. Os factos, as estatísticas falam bem alto. Numa voz trágica, de terrôr. A ponto dum grande sígrafo alemão, numa expressão engenhosa e fantasista, mas clara e precisa, dizer: «Parilisia geral (lesão do sistema nervoso em que tôdas as funções psíquicas estão abolidas, devido ao agente da sífilis) é igual a sífilis mais civilização».

Por outras palavras: a localização do Treponema pallidum (o agente da sífilis) no sistema nervoso—antigamente quasi só havia sífilis cutânea ou visceral—é a consequência dos traumatismos que êle recebe, na vida trepidante da nossa civilização.

E' verdadeiramente trágico que o homem civilizando-se—dou a palavra o significado vulgar—leve em si o germen do seu depauperamento físico e espiritual. E trágico também é que se bastantes—ainda que uma minoria—sentem, tem a consciência daquele aniquilamento diário, nada façam para o afastar, para o diminuir. Infelizmente aqui passa-se a mesma coisa que em qualquer movimento de consciencialização de massas: se esta leva milênios, o caminho a percorrer até atingir o pleno conhecimento é também bastante longo, e principalmente cheio de obstáculos, em que os pioneiros põem a prova a sua coragem, a sua fé, a sua tenacidade.

Mas como sair deste estado de coisas, aparentemente um «bêco sem saída»? Aniquillar o progresso? Fazer retroceder a civilização? Seriam soluções idênticas àquelas em que se pretende faltar o desequilíbrio económico do homem—homem-maioria em função do seu nível de vida—na máquina. E como elas seriam impossíveis, ineficazes e ridículas.

Nesta impossibilidade, surge uma solução: dar um repouso a esta vida aniquilante. Periódicamente procurar o prazer longe do ambiente cidadino, despreocupado das inquietações espirituais, mas emoções simples, calmas. Esta solução é o campismo.

Um dia passado no campo, na sua solidão, na contemplação das suas múltiplas belezas, na simplicidade duma vida primitiva é o revigorecimento certo das nossas energias—físicas e psíquicas—aba-

ladas por uma semana de trabalho intensivo.

A marcha até ao sítio escolhido; os saltos, as corridas, os exercícios gimnicos, os jogos desportivos num ambiente de ar livre, puro que respiraremos com sofreguidão; a exposição do nosso corpo à acção vivificante do sol; o banho, a natação—o desporto por excelência—permitem-nos um «entraînement» físico que nos poupará, em muito, do desgaste de forças que vamos sofrer nos dias seguintes.

Isto é a forma mais simples do campismo, ao acesso de todos. Cada domingo, cada dia livre pode ser aproveitado para o praticar. Uma mochila às costas com o mínimo indispensável—refeições simples, frugais, com o predomínio de frutas, o calção de banho, uma corda e uma bola para os jogos—e eis-nos de manhã, vendo nascer o sol no caminho, em direcção ao campo, ao rio, à montanha em procura duns momentos de vida reconfortante, sãdia, alegre, plena de beleza.

Estes passeios transformaram-se já numa necessidade que não pode dispensar toda a juventude, das grandes cidades europeias. Em combóio, de bicicleta, de automóvel, a pé a grande parte da população abandona a cidade. Quem teve a felicidade de ver e acompanhar mesmo—e eu falo por experiência própria—êstes jovens em demanda do campo, jamais poderá esquecer a alegria natural, sãdia, exuberante que irradiava das suas faces.

A vibração que imprimiam aos seus cantos—hinos de amor e de esperança, de vigor na luta, de confiança no futuro—mostrava bem a naturalidade daquela alegria. Mas ainda: deviam-nos a certeza que o futuro pertencia àquela juventude. Porque pela sua cultura física e mental sabiam prepará-lo, conquistá-lo, construí-lo. E, ouvindo-os, partilhando da sua emoção, recordava-me—e com que tristeza!...—da juventude portuguesa que não sabia sorrir, perante a vida, que procurava o prazer no mórbito das emoções violentas...

Porém, hoje no nosso país este estado de coisas modificou-se um pouco. Nos grandes centros e em especial em Lisboa, alguns jovens—muito poucos!—procuram no campo um repouso reconfortante.

Mas o campismo é mais alguma coisa que um dia de isolamento da cidade. Val mais longe, permitindo-nos o goso dumas férias nas condi-

ções óptimas. Económica, física e espiritualmente.

Na escolha do lugar só intervêm o seu pitoresco e a nossa predilecção especial por uma paisagem. Em qualquer parte se pode armar uma barraca. Basta procurarmos a proximidade de água e um abrigo ao vento. Na instalação da tenda, na sua arrumação diária, na preparação das refeições nós encontramos uma escola admirável de camaradagem. Cada campista vê nos outros camaradas, amigos que êle está pronto a ajudar—numa ajuda reciproca, voluntária, que faz com prazer. E nesta reciprocidade de auxílios, nesta comunidade de trabalhos, encontra-se a melhor preparação, para a vida, para a sua compreensão.

No primitivismo da vida campista o jovem aprende a bastar-se a si próprio. Aprende a resistir melhor aos embates da luta pela vida. Principalmente, naqueles momentos em que só pode contar consigo.

E com o máximo de 5\$00 diários qualquer um pode passar umas férias, nos múltiplos locais de Portugal, conhecendo as suas belezas, não como o turista das «agências» numa visita superficial e rápida, mas sentindo-as, gosando-as, apreciando-lhes todo o seu encanto.

Num exagero é necessário não cair:—é crer que com o campismo se solucionam todos os problemas que atrás apontei a propósito da vida cidadina. Esta há-de modificar-se e algumas deficiências serão suprimidas. O campismo, essencialmente, é um meio—um meio actual e simplesmente diminuidor—e nunca um fim. Mas é o único, neste momento. Por isso o devemos seguir. Por isso milhões de jovens, por todo o mundo, o praticam.

Estamos em plena primavera. Estes dias cheios de sol dão-nos uma outra alegria de viver. Convidam-nos a passear, a conhecer, a apreciar, a sentir todo o encanto da natureza em rejuvenescimento.

Rapazes e raparigas de Portugal. Acedei ao convite que vos faz a Natureza. Procurai-a na sua plenitude. Gosai-a! Uma nova alegria entrará no coração da nossa juventude. E com ela, deixará de marchar numa atitude de vencida para olhar a vida de frente, conflante, consciente da vitória.

CESAR ANJO (FILHO)